

# A 4% ao ano

• Por conta do fraco desempenho no primeiro trimestre, a economia brasileira provavelmente crescerá menos de 3,5% este ano, bem abaixo dos 4,9% de 2004. No entanto, a expectativa do grupo de conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é que na segunda metade de 2005 a economia se recupere e volte a se expandir a um ritmo de 4% ao ano. *Gás*

Para que essa projeção se concretize, o Produto Interno Bruto (PIB) terá de registrar a cada trimestre um crescimento de 1% sobre os três meses anteriores. No primeiro trimestre de 2005, houve de fato uma desaceleração, pois o PIB se expandiu apenas 0,3%. Já na segunda metade do ano, os analistas de conjuntura acham que a economia não sofrerá mais o impacto negativo da quebra de safra no Sul do país. E começará a colher os resultados de alguns importantes investimentos industriais (novas fábricas petroquímicas e de celulose, salto na produção nacional de petróleo e gás, investimentos em telecomunicações etc.).

■■■■■

A Repsol deverá ser mesmo a sócia da Petrobras na produção de gás natural do campo de Mexilhão, o que é um desdobramento do acordo que as duas empresas fizeram anos atrás para ampliar o uso desse combustível no Brasil. Quando o gasoduto Bolívia-Brasil ficou pronto, o preço do gás desestimulou os clientes em potencial. Como principal fornecedora (50% do volume transportado pelo gasoduto), a Repsol concordou em dar um desconto e, desde então, a demanda pelo gás boliviano saltou de 11 milhões de metros cúbicos para 23 milhões de metros cúbicos. Os descontos acumulados até agora somam o equivalente a US\$ 200 milhões e, na hora de buscar um parceiro para Mexilhão, isso certamente pesou na decisão da Petrobras.

A empresa espanhola é sócia da Petrobras em outros investimentos importantes, como no campo de Albacora Leste, na Bacia de Campos, que deve começar a produzir em agosto (está marcada para julho a conclusão da P-50, a plataforma com capacidade de produção de 150 mil barris diários de petróleo), e na ampliação da Revap, refinaria no Rio Grande do Sul, programada para processar 180 mil barris diários de óleo a partir de dezembro. O projeto absorveu mais de R\$ 1 bilhão e nessa expansão a Revap beneficiará principalmente óleo pesado da Bacia de Campos.

■■■■■

Os equipamentos da Rio Polímeros estão entrando em funcionamento por etapas, de modo que a primeira produção de eteno está prevista para 10 de julho e a de polietileno para o mesmo mês. A Riopol sómente atingirá sua capacidade máxima de produção (540 mil toneladas anuais) em 2006, e é possível que ultrapasse o volume inicialmente previsto.

O polietileno da Riopol será exportado, ensacado dentro de contêineres, pelo porto do Rio e talvez o transporte para o mercado de São Paulo se faça por trem, dependendo de negociações com a MRS, cuja ferrovia liga os dois estados.

Fora os operadores sêniores, com experiência em petroquímica, e os executivos,

a maioria dos contratados pela Riopol foram treinados pela empresa. O quadro está agora completo, depois de uma seleção que deu preferência a moradores da Baixada Fluminense. Os novos operadores foram treinados no Senai e nas instalações da PqU (Petroquímica União), em São Paulo.

A unidade industrial da Riopol é praticamente autosuficiente em energia, pois gases derivados da produção são reutilizados para isso. Um subproduto, gasolina de pirólise (que para virar a gasolina fornecida para os veículos só precisa ser oxigenada), é vendida para a Petrobras.

O presidente Lula perdeu uma grande oportunidade ao deixar de comparecer à solenidade de inauguração do pólo. Ficaria orgulhoso, como todos que lá estiveram (pois é o maior investimento privado realizado no estado nas últimas décadas). A ausência do presidente em um evento tão importante como este — ainda que o momento político seja delicado — só alimenta a sensação de que o governo federal está voltado para o próprio umbigo, e despreza o Rio.

■■■■■

O risco de corte no fornecimento de gás natural por causa do agravamento da crise na Bolívia fez com que o GLP deixasse de ser o patinho feio do setor de combustíveis. Há três anos, o Brasil importava quase 40% do gás de cozinha consumido, mas hoje esse percentual não passa de 3%. Em situação de emergência, o GLP pode substituir o gás natural, desde que as indústrias que o utilizam tenham tanques de armazenagem. Os distribuidores vendem mensalmente no mercado brasileiro de 540 mil a 550 mil toneladas, mas têm capacidade imediata para chegar a 650 mil. As refinarias podem produzir esse volume, se necessário. O problema é que poucas indústrias têm tanques para armazenar GLP, e os botijões que abastecem residências não seriam suficientes e adequados para o consumo industrial.

Como deixou de ser o patinho feio, os distribuidores já se sentem estimulados a promover campanhas para substituir o chuveiro elétrico por aquecedores alimentados a gás. Os consumidores sairiam ganhando (\$\$\$). O Brasil é um dos poucos países do mundo onde se usa chuveiro elétrico.

■■■■■

Os contêineres que retornam dos EUA à China — de onde saem com componentes e produtos industriais — estão indo cheios de apara de papel, sucata de aço e algodão. O mercado americano gera tanto material passível de reciclagem que já há excedente para exportação. E os chineses estão aí mesmo para reaproveitá-lo.

Anos atrás, esse tipo de comércio era uma característica de país subdesenvolvido. Agora passou a ser de economia pós-industrial.